

Religião e Ciência: Tensões, Sincretismos e Diálogos - 2

Leila Marrach Basto de Albuquerque - CEDEM/UNESP

Frederik Moreira dos Santos - CETENS/UFRB

O campo de estudos proveniente da interseção entre o domínio das ciências e o domínio das religiões fornece uma fonte rica e constante de reflexões e investigações interdisciplinares. A complexidade do tema provém, não somente por possuir diversos pontos de fuga a partir de diferentes olhares metodológicos, mas, também, por possuir diferentes formas de interseção nesta interação. Os conceitos de laicidade, naturalismo, democracia, relativismo cultural, racionalidade e fé são alguns exemplos de termos em que seus significados nunca deixam de ser questionados e reavaliados a partir da investigação fina de tal interação. Tais estudos tem ganhado, a cada ano, maior contorno, profundidade e dedicação, através de esforços coletivos institucionalizados, no Brasil e na América Latina. Em seu segundo volume e seguindo a mesma temática **Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos**, o número 34 da Revista NURES continua a nos fornecer um panorama exemplar de tais estudos com diversas abordagens teóricas e empíricas em diferentes contextos culturais e conta, ainda, com a resenha do livro **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista, São Paulo, Universidade São Francisco, IFAN Curitiba: São Boaventura- Faculdade de Filosofia, 2003, de autoria de Alexandre Brasil Fonseca, feita por Eliane Hojaij Gouveia.

O pesquisador Gonzalo Peñaloza nos apresenta um interessante estudo empírico qualitativo feito com professores cristãos do ensino médio na Colômbia. Neste estudo feito basicamente a partir de entrevistas, ele nos mostra como estas professoras lidam com a questão da ação divina na Natureza. Seu estudo nos revela vários resultados curiosos, tais como: a imagem metafísica que tais professores construíram ao longo de suas vidas sobre como se constitui a totalidade do real, como elas acreditam que se dá a relação entre o divino e o mundo natural, as diferentes visões de divindade nutrida por cada uma, o grau de compatibilidade entre o discurso científico e a visão metafísica religiosa de fundo de cada professora, o grau de compatibilidade desta última com aquela proclamada oficialmente pela religião em que cada uma diz comungar. Tal estudo nos mostra um bom exemplo de quão complexo é lidar com as crenças de

sujeitos que lidam de forma profunda com a interseção entre crenças religiosas e científicas no ensino de ciências.

Maurício Cavalcante Rios nos apresenta um ensaio panorâmico do tema central escolástico, a razão e a fé. Neste artigo ele busca apresentar sucintamente os caminhos intelectuais que esta díade percorreu na história da filosofia, e explicita seu percurso pendular que vai do louvor a razão, passando por um ponto de busca do equilíbrio na idade média, até a um ponto extremo onde jaz a vontade e a irracionalidade, como potência e representação. Assim, em seguida, cabe a Maurício explorar o lugar da fé no mundo pós-moderno, análise que ele faz com um certo teor cético, sem deixar o niilismo como único caminho possível.

Raphael Uchôa analisa as narrativas que tratam das relações entre religião e ciência desde a Grécia antiga, passando pela Idade Média até a revolução científica nos tempos modernos. Apresenta autores consagrados da França, Inglaterra e Alemanha do século XIX, defensores da tese do conflito ou incompatibilidade entre ciência e religião, sustentada por uma visão evolucionista da produção de conhecimento. Como parte desse contexto, desempenha papel importante a ideia basilar da civilização ocidental moderna desde o Renascimento, que é a de ruptura entre o homem e a natureza. Porém, o início do século XX assiste a uma crítica a essas narrativas. A análise de uma documentação científica até então desprezada, pois mostrava o comprometimento de importantes nomes da ciência moderna com uma visão de mundo religiosa, altera a perspectiva evolucionista incluindo novas variáveis na análise da ciência, enfraquecendo a ideia de conflito e abrindo uma fresta para “integração entre pensamento científico e religioso”, como diz o autor.

Tiago Valentim Garros discute a tese do conflito entre ciência e religião, argumentando que se trata de um mito construído no século XIX a partir de obras sobre história da ciência com pouca fundamentação empírica. Ao longo do seu artigo o autor se apoia em estudos que identificam diferentes processos sociais na complexa relação entre os dois campos, como diálogo, conflito, acomodação etc. que enfraquecem tese da incompatibilidade entre ciência e religião. Os vários exemplos de entidades, associações e projetos acadêmicos no exterior e no Brasil, voltados para a integração

entre ciência e religião, apresentados por Tiago, oferecem um belo inventário do estado da arte desta tendência histórica que vem já do século XX.

Deivide Garcia da Silva Oliveira toma o caso Galileu Galilei como mote para defender, dentro da perspectiva Feyerabendiana, a convivência da ciência e da religião em uma sociedade livre. Para tal, repassa a contenda entre o geocentrismo e o heliocentrismo do século XVII, identifica as forças políticas e sociais envolvidas, o papel da comunidade e a importância das explicações religiosas, científicas, e as do senso-comum na disputa entre as duas visões de mundo. O autor mostra, ainda, que a polaridade racionalidade X irracionalidade como atributo de um lado ou de outro não se sustenta diante dos recursos mobilizados pelos cientistas, cientistas-religiosos e religiosos envolvidos no caso. A convivência da ciência e da religião se daria, então, em uma situação anárquica na qual não se conceda prioridade epistemológica a qualquer “conto de fadas”.

Boa leitura!